



Série Terranos: pinturas de mestres do saber tradicional e agroecologia *Earthbound people: painting the agroecology's masters*

OLIVEIRA, Helena L. de¹;
¹UEMG, helenaborges.arte@gmail.com;

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Arte, Cultura, Comunicação Popular e Agroecologia

Resumo: Relato de experiência da pesquisa artística em processo chamada Terranos, produzida na linguagem do retrato à tinta à óleo sobre tela, na qual são representados mestres do saber tradicional. No recorte trazido, foram retratados mestres do saber agroecológico da RMBH. O trabalho engloba visitas ao território, onde, após uma rica troca com os agricultores, são feitas fotografias de referência e posteriormente, sessões de pintura no ateliê. O objetivo é a divulgação do trabalho desses agricultores, sua importância enquanto agentes do “adiar o fim do mundo”, e o fomento do interesse pelo cultivo agroecológico, a partir da contemplação artística.

Palavras-Chave: retrato; agricultores; vegetação.

Contexto

Apresento aqui meu trabalho com pintura de retrato de agricultores urbanos da Região Metropolitana de Belo Horizonte. O trabalho aqui apresentado se enquadra no eixo Arte, Cultura, Comunicação Popular e Agroecologia por se tratar da construção de uma narrativa que homenageia os mestres do saber agroecológico, sendo um processo comunicativo que gera e alimenta dinâmicas de transformação social. Os trabalhos apresentados, quando expostos em instituições de arte, nas mídias sociais ou impressas, comunicam o saber agroecológico para outros contextos, servindo como multiplicador dessa ciência. A contemplação artística serve de ferramenta para fomentar lutas populares, já que emociona, encanta, sensibiliza e traduz o não dizível, revelando, assim, sem palavras, como é a paixão por tornar o mundo mais justo e ecologicamente conectado.

No ano passado, fui bolsista do projeto de pesquisa “Procedimentos técnico-poéticos na pintura ao ar livre”, coordenado pela professora Louise Ganz, da Universidade do Estado de Minas Gerais, no campus da Escola Guignard. Neste grupo, promovemos expedições a locais da cidade para pintar, olhando-os como registros do antropoceno. Visitamos córregos a céu aberto, território de mineração, matas urbanas, terrenos baldios, ocupações, hortas urbanas, entre outros. No mês de julho de 2022, visitamos a Unidade Produtiva de Agricultura Urbana de Etelvina Carneiro, no qual pintei alfaces embaixo de um algodoeiro.

Concomitantemente, participei do curso de extensão da UEMG chamado Cuidar a cultivar a Terra: saberes e práticas agrícolas na Região Metropolitana de Belo Horizonte, no qual visitávamos hortas urbanas da RMBH. O curso foi orientado pela professora do departamento de antropologia da UEMG Ibirité, Mariana Oliveira. Durante esse curso, visitei o Ervanário São Francisco (Sabará), da Mestra



Aparecida Arruda, a Horta da Ocupação Paulo Freire (Belo Horizonte), cuidada pela Mestra Alexandra Assis, a Horta da Comunidade Vitória/Izidora (Belo Horizonte), onde quem trabalha é o Mestre José Adão Silva, a Horta do Petrovale (Betim), liderada pelo Mestre Luiz Lima, a Horta na Ocupação Tomás Balduino (Ribeirão das Neves), onde a Mestra Lúcia Souza é responsável e o Quintal produtivo da Mestra Veranilha Alves (Belo Horizonte). Foi na união desses dois cursos que iniciei uma série de retratos de agricultores rurais e urbanos, de ocupações ou de quintais.

Retratos feitos com tinta a óleo foram, na História da Arte, destinados aos poderosos, sejam senhores de terra, pessoas do clero, nobres e burgueses. Claro que há muito tempo, a pintura a óleo é utilizada para retratar pessoas comuns, camponeses, artesãos, como na tradição do Realismo Social, no qual o motivo da pintura é retratar trabalhadores e trabalhadoras a fim de chamar atenção para as condições sociopolíticas da classe trabalhadora. A técnica de tinta a óleo, quando bem aplicada, tem uma durabilidade muito grande, de séculos, o que transforma esses retratos em registros históricos da presença dessas pessoas na Terra e suas enormes contribuições para o futuro do planeta. Mesmo que uma pessoa seja só uma pessoa, cada um deles é um agente do que o Krenak chamou de “adiar o fim do mundo”. Para que seus trabalhos não sejam apagados, utilizo a técnica de pintura mais nobre, durável e possível de ser restaurada.

Descrição da Experiência

Comecei o projeto fotografando a Mestra Lúcia Souza, quando estive na ocupação Tomás Balduino. Meu celular estava com a bateria no fim e só me permitiu fazer uma foto de Lúcia, antes que a bateria acabasse. Seu retrato foi o primeiro como fotografia, mas ainda não surgiu como pintura. Minha intenção é finalizá-la no início desse segundo semestre. Logo em seguida, ao visitar a horta do Petrovale, fotografei o Mestre Luiz e com essa imagem iniciei as sessões de pintura.



Figura 1: Mestre Lucia da horta da Ocupação Tomás Balduino, 2022.



Fonte: autoria própria, 2022.

Na sequência, pintei a Mestre Alexandra, responsável pela produtiva horta da ocupação Paulo Freire, e o retrato do Mestre Adão, responsável pela horta da Ocupação Izidora, em Santa Luzia, Belo Horizonte. Para nomear essa série, tomei emprestado do filósofo francês Bruno Latour o conceito de **Terranos**. Latour – que pesquisa questões ambientais – delimita a diferença entre dois grupos frente aos problemas da mudança climática: o grupo dos Humanos ou Modernos, aqueles que as práticas são contrárias a sintropia ambiental, e o grupo dos Terranos ou Terrestres, que são aqueles em que o estilo de vida, a comunidade de que fazem parte ou os seus modos de viver e sobreviver estão em sintonia com os processos vitais da Terra. Pensando que natureza e cultura não se separam, também retrato pessoas de religiões não hegemônicas e/ou guardiões de saberes tradicionais. Nesse sentido, pintei o Pastor Cobra, Isaías Neto, que luta contra o conservadorismo e contra o capital. Também produzi a pintura do casal Igor e Alessandra, fardados na religião do Santo Daime.

O projeto de pesquisa que apresento é do campo das artes plásticas, não exatamente de áreas diretamente associadas ao estudo de agroecologia, mas acredito que a arte pode servir como agente de divulgação de ideias científicas e auxiliar a ciência a se aproximar do povo. No caso, as cores e pinceladas afetam as pessoas, atraindo-as para o universo da agroecologia, conquistando possíveis aliados através da contemplação artística. A arte é uma forma muito eficiente de colocar a agroecologia **na boca do povo**.

Percebo a importância de exaltar pela pintura, o trabalho feito pelas pessoas retratadas, que utilizam seu tempo e energia para produzir alimentos saudáveis para sua comunidade e pessoas externas, ao mesmo tempo que utilizam técnicas de cultivo que derivam na proteção à natureza, protegendo o solo, a água e o ar. A agroecologia é feita pelas pessoas, é construída e modificada pela ação diária de muita gente, mas com um alcance de reconhecimento limitado. Gostaria, com esse



trabalho, de ajudar a aumentar um pouco mais esse alcance, expandindo o reconhecimento do trabalho dessas pessoas para além de quem as conhece.

Resultados

Como resultado dos objetivos propostos, apresento as pinturas finalizadas. Divulgo esse trabalho na minha rede social, junto a um texto que explica quem é a pessoa retratada, sua importância para comunidade local e conseqüente importância na luta global contra as mudanças climáticas. Sobre os resultados pictóricos, procurei transmitir o fenômeno da simbiose entre os seres da terra. Procuo representar as minhocas no solo fértil, este com cores vivas e pulsantes, para demonstrar exatamente a pulsão da terra, a vida do organismo Terra. Uso verdes mais claros em cima de tons escuros, criando um forte contraste, aplicados a fim de representar a seiva das plantas subindo e nutrindo. Meu objetivo na pintura das vegetações era demonstrar movimento, que representa vida, circulação de nutrientes e integração entre os seres.

Figura 2, 3 e 4: Pintura do Mestre Luiz e detalhes.



Fonte: De autoria própria, 2023.



Figura 5: Pintura da Mestre Alexandra, da ocupação Paulo Freire e detalhe.



Fonte: De autoria própria, 2023.

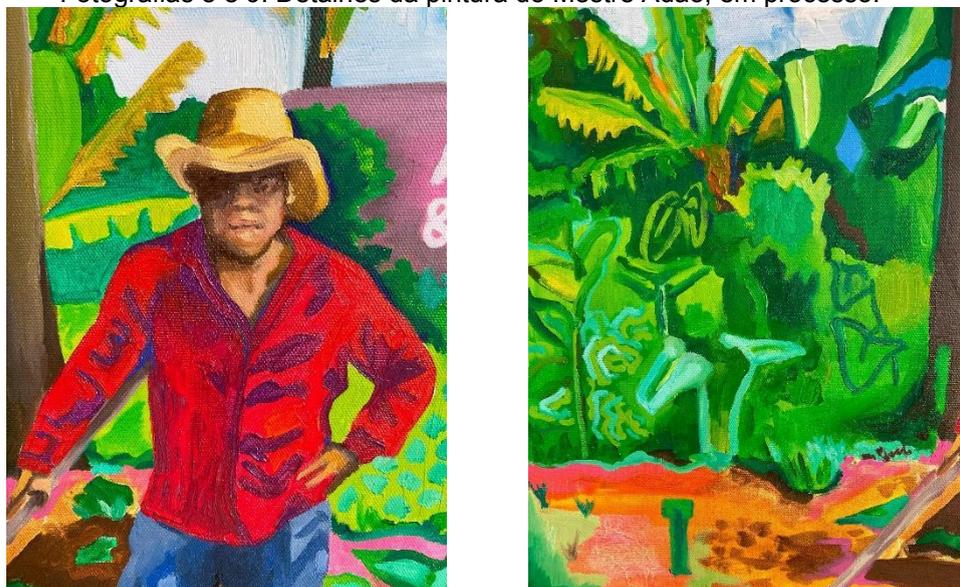
Figura 6 e 7: Pintura do casal ayahuasqueiro com o filho e a sanfona, óleo sobre tela, 80x55cm, 2023 e detalhe.



Fonte: De autoria própria, 2023.



Fotografias 8 e 9: Detalhes da pintura do Mestre Adão, em processo.



Fonte: De autoria própria, 2023.

No meu acervo de imagens de referência para futuras pinturas, tenho algumas fotografias de pessoas que conheci pela caminhada. Atualmente, estou no processo da pintura da Poliana, presidenta estadual do partido Unidade Popular e coordenadora nacional do MLB Nacional, junto de seu marido Leonardo Pércles, presidente da UP e candidato a presidente do Brasil em 2022 e o filho do casal. Além dessa, tenho fotografias da Nádia Akawã Tupinambá, liderança indígena e moradora da Aldeia Tukum - território tupinambá de Olivença, no sul da Bahia, produzida num encontro com a liderança na VII Jornada de Agroecologia da Bahia, organizada pela Teia dos Povos; e da Makota Cássia, liderança quilombola e de terreiro de axé e presidente da Associação de Resistência Cultural da comunidade quilombola Manzo Ngunzo Kaiango, fotografada numa ação de retomada do território Kewá Matamba, espaço sagrado na Mata da Baleia (BH). Até o Congresso Brasileiro de Agroecologia, pretendo ter mais dessas pinturas prontas para apresentar como resultado. Se o trabalho for selecionado, as pinturas poderiam ser expostas pessoalmente durante minha apresentação, o que traria muito mais riqueza visual do que as imagens digitais, expandindo a fruição artística e atingindo mais efetivamente o objetivo de ser uma homenagem a esses mestres.

Referência bibliografia

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo** (Nova edição). Editora Companhia das Letras, 2019.

LATOIR, B. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. **Revista De Antropologia**, v.57, n.1, p.11-31, 2014.